



Pulsão de morte e experiências precoces em Freud e Melanie Klein

Death instinct and early experiences in Freud and Melanie Klein

Fátima Caropreso*

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG, Brasil

Resumo

A partir da década de 1920, dois fatores adquiriram importância na teoria freudiana sobre o desenvolvimento inicial do psiquismo e sobre a gênese das neuroses: a constituição pulsional envolvendo a pulsão de morte e experiências traumáticas precoces. No entanto, não há uma hipótese claramente formulada sobre a maneira como esses fatores interagem entre si. Encontramos, contudo, na teoria psicanalítica kleiniana, hipóteses sobre a relação entre os fatores constitucionais e as experiências precoces que parecem permitir avançar a reflexão freudiana desenvolvida a partir da década de 1920. O objetivo deste artigo é retomar algumas das ideias formuladas por Freud sobre a temática em foco, principalmente em “Além do princípio do prazer” (1920), “Inibições, sintomas e angústia” (1926) e “Análise terminável e interminável” (1937) e, em seguida, discutir algumas das contribuições trazidas por Melanie Klein, sobretudo, em seu livro “Inveja e gratidão” (1957).

Palavras-chave: Psicanálise. Freud. Melanie Klein. Pulsão de morte. Trauma.

* FC: doutora em Filosofia, e-mail: fatimacaropreso@uol.com.br

Abstract

From the 1920s onwards, two factors gain importance in Freud's theory on mind's early development and the origins of neuroses: the instinctual constitution involving the death instinct and early traumatic experiences. However, there is no clearly formulated hypothesis about how these two factors interact. In the kleinian psychoanalytic theory, on the contrary, certain hypotheses about the relationship between the constitutional factors and early experiences can be found which seem to allow the improvement of the ideas Freud began to develop in the 1920s. The objective of this article is to return to some ideas proposed by Freud on these matters, especially in "Beyond the pleasure principle" (1920), "Inhibitions, symptoms and anxiety" (1926) and "Analysis terminable and interminable" (1937). Next, some of Klein's contributions are also discussed, especially those exposed in her book "Envy and gratitude" (1957).

Keywords: *Psychoanalysis. Freud. Melanie Klein. Death instinct. Traum.*

Introdução

Nos textos "Além do princípio do prazer" (1920), "Inibições, sintomas e angústia" (1926) e "Análise terminável e interminável" (1937), Freud introduz algumas novas hipóteses em sua teoria sobre o desenvolvimento inicial do psiquismo e sobre a origem das neuroses, as quais parecem ter recebido pouca atenção por parte dos estudiosos de seu pensamento. Dois fatores são inseridos, nessa etapa final da obra, na base do funcionamento psíquico normal e patológico: experiências traumáticas precoces — entendidas no sentido de experiências nas quais o aparelho psíquico seria inundado por grandes quantidades de excitação de origem exógena, em um estado de desamparo para reagir a elas — e a constituição pulsional mortífera do indivíduo. No entanto, Freud não elabora uma hipótese clara sobre como esses fatores se relacionariam entre si para constituir a base do desenvolvimento psíquico, embora ele sugira que a constituição hereditária determinaria a intensidade da angústia despertada por situações traumáticas precoces. Como se sabe, Melanie Klein concede uma importância fundamental em sua teoria à pulsão de morte e à inveja dela derivada, assim como à

intensidade pulsional inata do indivíduo. A maneira como ela pensa a relação entre os fatores constitucionais e as experiências precoces permite avançar a reflexão freudiana desenvolvida na etapa final de sua obra sobre a temática que acabamos de mencionar. Essa é a questão que procuraremos discutir neste artigo. Inicialmente, comentaremos algumas ideias elaboradas por Freud sobre o desenvolvimento psíquico e a etiologia das neuroses, dando especial atenção para certas hipóteses introduzidas nos textos acima referidos. Em seguida, abordaremos algumas hipóteses elaboradas por Melanie Klein, principalmente, em “Inveja e gratidão” (1957).

Freud e suas intuições finais sobre a pulsão de morte e o papel desempenhado pelos traumas precoces na etiologia das neuroses

Com o abandono da teoria da sedução, a ênfase atribuída nesta última aos fatores externos (aos traumas sexuais efetivamente experienciados) é deslocada para os fatores internos: a fantasia e a constituição sexual vêm para primeiro plano, como observa Monzani (1989). Van Haute e Geyskens (2010) comentam que o papel que, na teoria da sedução, é desempenhado pelo trauma passa a ser desempenhado pela constituição sexual e pela bissexualidade, o que é explicitado por Freud pela primeira vez em “Três ensaios sobre uma teoria da sexualidade” (1905). Esses autores salientam que apenas nos anos que se seguem a esse texto, o complexo de Édipo vai adquirindo importância como o complexo nuclear das neuroses.

A importância dos fatores constitucionais sempre foi enfatizada por Freud. Mesmo enquanto defendia a teoria da sedução, um papel significativo era concedido às condições hereditárias entre os influxos etiológicos das psiconeuroses, como fica claro, por exemplo, no texto “A herança e a etiologia das neuroses”, publicado em 1896. Nesse texto, mesmo defendendo que, segundo suas hipóteses, a experiência sexual precoce ocuparia o lugar atribuído à herança na teoria de Charcot — ou seja, o papel principal —, Freud diz considerar que a herança nervosa desempenha um papel indispensável, ao menos nos casos graves de

psiconeuroses, embora reconheça estar longe de saber avaliar com precisão sua influência.

Nos anos seguintes à publicação dos “Três ensaios...”, a importância da constituição sexual particular dos indivíduos na etiologia das neuroses foi recorrentemente afirmada. Em “Sobre as teorias sexuais infantis” (1908), por exemplo, Freud observa: “[...] os que depois serão neuróticos trazem muitas vezes, em sua constituição, uma pulsão sexual particularmente intensa e uma inclinação a sua maturidade precoce, a sua prematura exteriorização [...]” (FREUD, 1999a [1908], p. 188). Em “Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna” (1908), Freud argumenta que, se consideramos as genuínas formas de enfermidades nervosas, o influxo nocivo da cultura se reduz, no essencial, à sufocação prejudicial da vida sexual dos povos em função da moral sexual presente. Ele, então, enfatiza o papel desempenhado pela constituição individual ao dizer que: “para a maioria das pessoas, há um limite além do qual sua constituição não pode cumprir as demandas da civilização” (FREUD, 1999b [1908], p. 7). No caso do pequeno Hans, Freud diz que a histeria de angústia lhe parece a contração da neurose que menos reivindica uma constituição particular. O papel desempenhado pela constituição sexual na etiologia das neuroses fica mais claro na vigésima segunda das “Conferência de introdução à psicanálise” (1917), na qual Freud sistematiza suas hipóteses sobre os vários fatores atuantes em tal etiologia. Nessa conferência, Freud explica que, na equação etiológica das neuroses, a fixação libidinal representa o fator constitucional, que atua de forma complementar com o vivenciar acidental traumático do adulto (frustração). Ele acrescenta que, internamente à fixação, seria possível distinguir, como fatores por ela responsáveis, outra série complementar, na qual estaria envolvida a “constituição sexual do indivíduo” e o “vivenciar infantil acidental”.

Podemos dizer, então, que, nessa etapa da teoria freudiana que acabamos de comentar, é reservado à constituição pulsional sexual individual um papel entre os fatores envolvidos na etiologia das psiconeuroses e que os fatores experienciais aí atuantes estão relacionados, sobretudo, à vivência sexual (dado que ambos estão envolvidos na fixação libidinal). No plano das hipóteses metapsicológicas elaboradas por

Freud, desde “A interpretação dos sonhos” (1900) — portanto, após o abandono da teoria da sedução —, o modelo da vivência de satisfação e do desejo se torna a base a partir da qual se daria o desenvolvimento psíquico normal e patológico. A hipótese da vivência de dor — base do desenvolvimento psíquico patológico na teoria metapsicológica elaborada por Freud no “Projeto de uma psicologia” (1950), texto escrito na época em que a teoria da sedução ainda era vigente (1895) — é deixada em segundo plano a partir de seu livro sobre os sonhos. No entanto, a partir da década de 1920, por um lado, o papel da vivência de dor é retomado e se torna central no desenvolvimento dos processos psíquicos (CAROPRESO, 2009). Por outro, com a introdução do conceito de pulsão de morte, a constituição pulsional mortífera passa a dividir o espaço com a constituição sexual entre os fatores atuantes na gênese das psiconeuroses (CAROPRESO; MONZANI, 2012).

Em “Além do princípio do prazer” (1920), com a introdução da hipótese da compulsão à repetição como modo de funcionamento psíquico primário, as experiências traumáticas primárias — pensadas como experiências nas quais o aparelho psíquico seria atingido por grandes quantidades de excitação de origem externa, ou seja, pensadas da mesma forma como a “vivência de dor” do “Projeto...” — passam a ser situadas na base de todo funcionamento psíquico. Como comenta Kimmerle (2000), o desprazer passa a ser originário. Como consequência da introdução da hipótese da compulsão à repetição, Freud é levado a propor o conceito de pulsão de morte, que não é explicitamente vinculado à etiologia das neuroses, nesse texto de 1920, mas que virá a sê-lo em “O ego e o Id” (1923) e, principalmente, em “Análise terminável e interminável” (1937).

Com relação ao papel desempenhado pelas experiências traumáticas precoces, em “Inibições, sintomas e angústia” (1926), Freud volta a situá-las de forma clara na base das neuroses. Nesse texto, ele retoma a suposição de uma “repressão primordial” — que exerceria uma atração sobre outras representações que viriam a ser secundariamente reprimidas — e levanta a seguinte hipótese: “é altamente provável que fatores quantitativos como a intensidade hipertrófica da excitação e a ruptura da proteção antiestímulo constituam as ocasiões

imediatas das repressões primordiais” (FREUD, 1975 [1926], p. 90). Com isto, Freud sugere que o que levaria à repressão primordial seriam vivências de dor (ou traumas, tal como Freud as define em 1920) precoces. Conseqüentemente, na base do processo de repressão, estariam experiências traumáticas primárias não necessariamente relacionadas à sexualidade. Na continuidade desse texto de 1926, Freud formula a hipótese de que seria a angústia que levaria à repressão e que a característica comum de todos os afetos de angústia seria representar uma reação a um perigo. O nascimento, segundo ele, seria o protótipo das experiências de angústia, de forma que experiências posteriores despertariam angústia por representarem ameaças de reviver uma situação de impotência diante da recepção de grandes quantidades de excitação, tal qual na experiência do nascimento. Nas palavras de Freud (1975 [1926], p. 126):

[...] o estado de angústia é a reprodução de uma vivência que reuniu as condições para um aumento de estímulo como o assinalado e para a descarga por determinadas vias, em virtude do que também o desprazer da angústia recebeu seu caráter específico. No caso dos seres humanos, o nascimento nos oferece uma vivência arquetípica de tal índole. E, por isso, nos inclinamos a ver no estado de angústia uma reprodução do trauma do nascimento.

Freud acrescenta que as ocasiões que geram angústia nas crianças são aquelas em que elas se percebem diante da ameaça de vivenciar um estado de “desamparo” frente às tensões da necessidade. Dessa maneira, a angústia seria produto do desamparo psíquico do lactente, que seria o correspondente de seu desamparo biológico. O autor estabelece, então, uma série de experiências de angústia típicas, que se sucederiam ao longo do desenvolvimento infantil, e que remeter-se-iam umas às outras e, em última instância, todas elas à angústia do nascimento. Seriam elas: a angústia do nascimento; a angústia da perda do objeto (mãe ou substituto); a angústia da castração; a angústia da consciência moral. Cada uma dessas angústias é vinculada a um tipo específico de neurose. Na histeria de conversão, a angústia da perda do objeto seria a angústia central que levaria à repressão. Nas fobias,

seria a angústia de castração e, na neurose obsessiva, a angústia frente à consciência moral. Laplanche (1988, p. 142) comenta que

quando Freud é levado a traçar, em suas linhas gerais, uma espécie de correspondência entre esses perigos e as formas psicopatológicas, percebe-se que a castração deixa de ser o ponto central de tudo, uma vez que seria central em uma única neurose, a fobia.

Essas hipóteses elaboradas por Freud, em 1926, parecem ter como consequência a colocação de experiências traumáticas reais não sexuais na base do desenvolvimento psíquico e das neuroses. A repressão primordial seria ocasionada pelo trauma do nascimento e por outras experiências traumáticas precoces que, por se associarem a experiências posteriores, levariam à “repressão propriamente dita” e, posteriormente, ao retorno do reprimido, sob a forma de sintoma. Na etapa anterior da teoria, como fica claro na Vigésima segunda Conferência (1917), era concedido um papel às vivências sexuais na etiologia das neuroses, de forma que tais vivências teriam um potencial traumático e poderiam — atuando de forma complementar com a constituição sexual individual — levar à fixação e aos sintomas. Com as hipóteses introduzidas em 1926, o potencial traumático de tais vivências sexuais passaram a se assentar, em última instância, sobre experiências precoces traumáticas não necessariamente sexuais. Assim, tais experiências passaram a desempenhar um papel fundamental na equação etiológica das neuroses. Outro fator acrescentado por Freud, como dissemos, é a constituição pulsional envolvendo a pulsão de morte.

Em “Análise terminável e interminável” (1937), Freud propõe que a pulsão de morte exerce um papel fundamental tanto entre os fatores que predis põem o indivíduo à neurose, como entre os obstáculos enfrentados pela terapia. Segundo ele, a pulsão de morte seria a responsável pela inclinação ao conflito, pelo nível de fixação aos traumas e pela consequente deformação egóica. Além disso, ela estaria por trás da reação terapêutica negativa, da viscosidade da libido, do esgotamento da plasticidade, enfim, dos fatores que se apresentam como obstáculos ao êxito da terapia. Freud insiste também, nesse texto, na importância

do fator quantitativo — que, segundo ele, não teria até então recebido a devida importância em sua teoria — e na importância da constituição particular dos indivíduos. A intensidade constitucional das duas classes de pulsões seria um fator importante a ser levado em consideração tanto na predisposição à neurose, quanto em suas manifestações e nas chances de sucesso da análise.

Tendo isso em vista, se na etapa anterior da teoria apenas a constituição sexual constava entre os fatores atuantes na etiologia das neuroses, nessa etapa final, principalmente com as hipóteses explicitadas em 1937, a constituição pulsional mortífera passa a dividir o espaço com a constituição sexual entre tais fatores. Então, nessa etapa da teoria, dois novos fatores ganham destaque nas hipóteses freudianas sobre o desenvolvimento psíquico e a etiologia das neuroses: as experiências precoces traumáticas e a constituição pulsional envolvendo a pulsão de morte. Como se articulariam entre si esses dois fatores? Em “Inibições, sintomas e angústia” (1926), ao comentar a hipótese de Otto Rank de que a intensidade do trauma do nascimento e a reação de angústia por ela despertada seriam variáveis e dependeriam de múltiplos influxos contingentes como, por exemplo, as condições do parto. Freud argumenta que tal hipótese “não deixa espaço para o papel etiológico da constituição hereditária” (FREUD, 1975 [1926], p. 142). No entanto, ele diz considerar viável a possibilidade de que a disposição constitucional do indivíduo determine a amplitude com que ele reage ao trauma do nascimento. Podemos inferir, dessa colocação de Freud, que a intensidade constitucional da pulsão de morte talvez seja fator determinante da intensidade da angústia gerada pelo trauma do nascimento, o que repercutiria sobre a intensidade das angústias subsequentes, conforme as hipóteses elaboradas em 1926. De qualquer maneira, Freud não chega a propor explicitamente essas hipóteses. Trata-se apenas de uma especulação levantada, sem ser de fato assumida ou dela extraída suas consequências.

Algumas das hipóteses elaboradas por Melanie Klein em sua teoria parecem permitir articular melhor esses dois fatores que ganham destaque na etapa final da obra freudiana, como comentamos anteriormente.

Algumas contribuições de Melanie Klein sobre os efeitos da pulsão de morte sobre o psiquismo

A importância da agressividade e do sadismo na constituição do psiquismo é cedo percebida por Melanie Klein e adquire importância crescente ao longo de sua obra. Entre os anos de 1927 e 1932, ela elabora a teoria de uma fase do apogeu do sadismo — que se tornará, a partir de 1935, a posição paranóide — na qual o sadismo alcançaria sua intensidade máxima, a partir da multiplicação de suas fontes, de seus meios e de seus objetos.

Em 1932, em “Psicanálise da criança”, Melanie Klein explicita a hipótese, que já havia aparecido em seus textos anteriores (análise de Erick e de Félix), de que seria a pulsão agressiva e não a libido — como havia sido sustentado anteriormente — que daria origem à angústia. Portanto, nessa fase do apogeu do sadismo, a angústia também atingiria seu nível máximo. Nesse momento de sua teoria, a autora supõe que o fracasso do ego em dominar o sadismo por meio de mecanismos de defesa eficazes, comprometeria seriamente o desenvolvimento mental do indivíduo e estaria na origem das psicoses. De acordo com a teoria elaborada em 1932, seriam os mecanismos de reparação — e, portanto, a possibilidade de experimentar a culpa a partir da identificação com o objeto — que permitiriam a superação da fase do apogeu do sadismo. O sadismo intenso deformaria as imagens introjetadas produzindo uma ameaça interior que, ao ser projetada nos objetos externos, levaria a contra-ataques sádicos a esses objetos, de forma que se instauraria um círculo vicioso, no qual o próprio sadismo reforçaria o sadismo dos objetos externos e internos e vice-versa. Petot (1991) comenta que uma das ideias centrais das concepções kleinianas encontra-se aí presente: a relação do sujeito com a realidade externa exprime, no fim das contas, sua relação com suas próprias pulsões sádicas. Uma vez que a intensidade do sadismo dependeria de fatores constitucionais, podemos talvez dizer que a relação do sujeito com a realidade externa exprimiria, em última instância, sua constituição pulsional agressiva.

Petot (1991) esclarece que, com a adesão ao segundo dualismo pulsional freudiano, em 1932 — e relacionando-o com suas próprias

descobertas clínicas, de acordo com as quais a ansiedade seria proveniente da agressividade —, Melanie Klein formulou a hipótese de que a libido narcísica mobilizada pela ansiedade gerada pela pulsão de morte e pelo perigo de autodestruição colocado por esta, levaria à deflexão de tal pulsão, o que estaria na origem do sadismo e instituiria a primeira relação de objeto. O mesmo autor ressalta que daí decorre uma tendência permanente na obra kleiniana, a partir de 1932, a considerar que na constituição da relação de objeto e, de forma geral, da relação com a realidade, o elemento motor é fornecido pelo sadismo, sendo que o investimento libidinal limita-se a seguir e contrabalançar os investimentos de Tânatus. Bianched, Boschan e Piccolo (1988) lembram que, para Melanie Klein, a pulsão de morte não seria muda como para Freud, mas, ao contrário, daria origem a fantasias e relações objetais. Tais autoras argumentam que Klein faz um uso pessoal do conceito de pulsão de morte, mesmo sem formular explicitamente essa diferença de abordagem.

No momento da descoberta do apogeu do sadismo, como lembra Petot (1991), Melanie Klein ainda utilizava amplamente as categorias de Abraham e não se preocupava em procurar um motivo profundo para ele. O desenvolvimento de suas descobertas clínicas e de sua teoria levou-a a reconhecer tal motivo profundo na voracidade, na identificação projetiva e na inveja.

No prefácio de *Inveja e gratidão* (1957), Melanie Klein diz que a sua obra, assim como a de Abraham, acima de tudo, examinou as raízes dos impulsos destrutivos e aplicou tal compreensão à etiologia dos distúrbios mentais. Ela comenta que, desde o início, atribuiu importância fundamental à primeira relação objetal da criança com o seio materno e com a mãe e considerou que, se esse objeto primordial introjetado estabelece raízes no ego com relativa segurança, fica formada a base para uma evolução satisfatória. Desde cedo, também a influência negativa das pulsões destrutivas sobre o desenvolvimento da criança é reconhecida. No entanto, na etapa final de sua obra, adquiriu importância o papel desempenhado pela inveja na formação da capacidade de amor e gratidão e, conseqüentemente, seu potencial para prejudicar a primeira relação objetal da criança. Assim, ela vai reconhecer na inveja a causa

principal de grande parte dos processos que, até então, haviam sido considerados como obstáculos à integração e a um desenvolvimento psíquico favorável.

Em *Inveja e gratidão*, a inveja é definida como “expressão sádico-oral e sádico-anal de impulsos destrutivos em funcionamento desde os primórdios da vida, sendo dotada de uma base constitucional” (KLEIN, 1984 [1957], p. 176). Abraham, diz ela, já havia reconhecido a inveja como um traço oral e admitido um elemento constitucional no vigor dos impulsos orais. Melanie Klein diz ter percebido, no entanto, ser tal sentimento mais precoce do que pensava Abraham, estando presente já desde o nascimento. Segundo ela, a característica principal da inveja — que a diferenciaria de outros sentimentos, tais como a voracidade — é que nela está presente o ímpeto de destruir ou inutilizar o objeto visto como possuidor de algo desejável: “a inveja é o sentimento irado de outra pessoa possuir e desfrutar algo desejável — sendo que o impulso invejoso visa tirá-lo de outro ou inutilizá-lo” (KLEIN, 1984 [1957], p. 181). Diferentemente da voracidade — definida como desejo impetuoso e insaciável que ultrapassa as necessidades do sujeito e a capacidade de dar do objeto, cuja meta seria a introjeção destrutiva —, a inveja visaria não apenas apropriar-se do que o objeto possui de bom, mas também introduzir no objeto coisas ruins. Assim, ela estaria ligada ao aspecto destrutivo da identificação projetiva, enquanto que a voracidade estaria mais ligada à introjeção, argumenta Melanie Klein. Em outras palavras, a inveja não se contenta, como a voracidade, em “extrair do objeto o que ele tem de bom”, mas aspira também a destruí-lo. Apesar dessa diferença, a autora chama a atenção para o fato de que a inveja e a voracidade estão associadas, não sendo possível traçar uma linha divisória nítida entre ambas. Cintra e Figueiredo (2004) comentam que, para Melanie Klein, a inveja é a manifestação por excelência da pulsão de morte e que ela sempre esteve intimamente associada à voracidade, de maneira que, ao falar em inveja, a autora se refere ao aspecto desmedido, à insaciabilidade do desejar humano. Os autores apontam que o ponto mais interessante é o fato de Melanie Klein atribuir tanta importância a um modo de desejar dominado pela pulsão de morte.

A inveja impulsionaria ataques sádicos ao seio da mãe, de forma que esse seria seu primeiro alvo, segundo Melanie Klein. Tal sentimento surgiria não apenas quando a criança não fosse adequadamente alimentada, ou seja, em situações de desprazer e privação, mas também diante de um seio satisfatório: “a própria facilidade com que o leite sai — embora o infante se sinta gratificado com isso — também dá origem à inveja, pois essa dádiva parece demasiadamente inatingível” (KLEIN, 1984 [1957], p. 183). A inveja excessiva prejudicaria o estabelecimento de uma clivagem entre os objetos bons e maus e entre o amor e o ódio, criando uma confusão entre os objetos bons e maus e, assim, esvaziando o mundo da criança de objetos bons. O objeto satisfatório, que fosse atacado pela inveja, tornar-se-ia um objeto mau, a partir do processo da identificação projetiva, o que aumentaria a ansiedade persecutória e instauraria um círculo vicioso que solaparia as possibilidades de integração, a partir da identificação com um objeto bom e a conseqüente diminuição da agressividade. Esse processo estaria na base das psicoses.

A importância do estabelecimento de uma clivagem binária entre os aspectos bons e maus do objeto havia sido reconhecida por Melanie Klein bem antes em sua teoria. Tal clivagem havia sido inicialmente pensada como resultante da imaturidade dos aparelhos perceptivos e motores. Em “Notas sobre alguns mecanismos esquizóides” (1946) — onde Melanie Klein apresenta a teoria da posição esquizóide, que se tornará, em 1952, a posição esquizo-paranóide — ela passa a pensá-la como decorrente de uma estratégia defensiva do ego contra a ansiedade produzida pela pulsão de morte. A autora passa a considerar também que essa clivagem dos objetos seria acompanhada de uma clivagem do ego e passa a diferenciar dois tipos de clivagens: a fragmentadora, desfavorável à integração e ao desenvolvimento satisfatório, e a dicotômica, favorável a eles. No primeiro tipo de clivagem, o objeto mau seria fragmentado e, em casos de evolução desfavorável, tal fragmentação poderia se estender para o bom objeto. Assim, tanto o ego como os objetos seriam desintegrados. Já na segunda forma de clivagem, tal fragmentação não se estenderia para o objeto bom e, então, surgiria uma separação entre o bom objeto interno íntegro e o mau

objeto despedaçado. Assim, com a preservação de um objeto bom íntegro, seria preservada uma relação objetal livre da influência da frustração e da agressividade, o que seria condição para a diminuição da ansiedade e, conseqüentemente, para a integração do ego e a síntese do objeto. Nesse caso, seria alcançada a mitigação do ódio pelo amor e a posição depressiva seria instituída. Em *Inveja e gratidão*, Melanie Klein (1984 [1957], p. 192) argumenta que:

A inveja excessiva, uma expressão dos impulsos destrutivos, interfere na clivagem primária entre o seio bom e o mau, e a construção de um objeto bom não pode ser suficientemente alcançada. Dessa maneira, não se estabelece a base para uma personalidade adulta plenamente desenvolvida e integrada, pois a posterior diferenciação entre o bom e o mau é perturbada sob vários aspectos.

A inveja primária excessiva levaria ao fracasso dos primeiros processos de separação das figuras da pulsão de morte e da pulsão de vida, ou seja, levaria à confusão. Como comenta Petot (1988), a inveja faria com que situações de privação fossem experienciadas como frustrações. Na experiência de frustração, a não obtenção da coisa desejada seria vivida como se a mãe tivesse tirado algo da criança. Dessa forma, a privação seria experienciada como frustração, sob a influência da inveja.

Nesse mesmo sentido, a gratidão — subproduto da capacidade de amor — seria condição para a experiência de satisfação. Melanie Klein considera que o prazer forma a base da gratidão, mas que a criança só experimentará prazer completo se a capacidade de amar estiver suficientemente desenvolvida. A gratidão experimentada na relação inicial com a mãe é que mitigaria os impulsos destrutivos, a inveja e a voracidade. Assim, tal sentimento seria essencial para formar a relação com o objeto bom, para a capacidade de reparação e de sublimação, além de constituir a base da apreciação da bondade em outros e em si mesmo:

Um dos principais derivados da capacidade de amor é o sentimento de gratidão. A gratidão é essencial na construção da relação com o objeto bom e constitui a base da apreciação da bondade em outros e em si mesmo. Ela tem suas raízes nas emoções e atitudes que surgem no

estágio mais primitivo da infância, quando para o bebê a mãe é o único e exclusivo objeto [...]. Apesar da relação exclusiva com a mãe variar individualmente em duração e intensidade, eu acredito que, até certo ponto, ela existe na maioria das pessoas. O quanto ela permanece não perturbada depende parcialmente das circunstâncias externas. Mas os fatores internos subjacentes a ela — sobretudo a capacidade para o amor — parece ser inata (KLEIN, 1984 [1957], p. 187-188).

Assim como a inveja e a pulsão de morte da qual a primeira seria expressão, a capacidade de amor e a gratidão, manifestações da pulsão de vida, teriam uma base constitucional, como fica claro na passagem que acabamos de mencionar. Melanie Klein comenta que Freud já havia reconhecido que certas variações individuais no desenvolvimento se devem a fatores constitucionais e que Abraham havia descoberto um elemento inato no vigor dos impulsos orais. Ela diz ter sugerido anteriormente que a voracidade, o ódio e a perseguição face ao seio materno possuem uma base inata e, no mencionado livro, acrescenta que

a inveja, como expressão poderosa dos impulsos sádico-orais e anais também é constitucional. As variações na intensidade desses fatores constitucionais estão, a meu ver, ligadas à preponderância de um ou outro instinto na fusão dos instintos de vida e de morte postulados por Freud (KLEIN, 1984 [1957], p. 229).

Dessa maneira, a capacidade para o amor e para a gratidão, assim como a disposição para a inveja, a para voracidade e para ansiedade persecutória, estariam diretamente ligadas à intensidade constitucional da pulsão de vida e da pulsão de morte. Melanie Klein propõe a existência de uma relação entre essa preponderância de um ou outro instinto e a fortaleza ou debilidade do ego. As dificuldades para suportar a angústia, a tensão e a frustração, diz ela, são manifestações de um ego que, desde o início da vida pós-natal, é fraco aos intensos impulsos destrutivos e sentimentos persecutórios. Um ego constitucionalmente robusto não se tornaria facilmente presa da inveja e seria mais apto a efetuar a clivagem entre o bom e o mau, condição prévia indispensável ao estabelecimento do objeto bom. Assim, o ego ficaria menos suscetível aos processos de clivagem que levam à fragmentação, acrescenta

ela. Sua teoria pressupõe que a intensidade das pulsões primárias seria inversamente proporcional, ou seja, não haveria a possibilidade de uma criança ser dotada de pulsões de vida e de morte igualmente intensas ou fracas.

Mas Melanie Klein reconhece que as experiências externas influenciam o desenvolvimento desde o início. Na seguinte passagem, ela comenta que

ao falar de um conflito inato entre amor e ódio, dou a entender que a capacidade para ter impulsos amorosos e destrutivos é, até certo ponto, constitucional, embora varie individualmente em vigor e interaja, desde o princípio, com condições externas (KLEIN, 1984 [1957], p. 180).

A variedade das experiências externas, por exemplo, explicaria, até certo ponto, a formação de angústias arcaicas, que seriam particularmente grandes em um bebê cujo parto foi difícil e cujo aleitamento foi insatisfatório. Mas o impacto dessas experiências seria proporcional ao vigor constitucional dos impulsos destrutivos inatos e das consequentes angústias paranóides, argumenta a autora:

Minhas observações acumuladas, contudo, convenceram-me que o impacto dessas experiências externas é proporcional ao vigor constitucional dos impulsos destrutivos inatos e das consequentes angústias paranóides. Muitas crianças não tiveram experiências muito desfavoráveis e, no entanto, sofrem de sérias dificuldades relativas ao dormir e à alimentação, e podemos ver nelas todos os sinais de grande angústia não explicada suficientemente por circunstâncias externas (KLEIN, 1984 [1957], p. 229-230).

A respeito do papel desempenhado pela experiência externa e pelos fatores inatos no desenvolvimento infantil segundo a teoria kleiniana, Petot (1988) comenta que o exterior age apenas à medida que reforça a pulsão de vida ou a pulsão de morte, mas que tais fatores podem modificar apenas parcialmente as forças presentes, cuja relação quantitativa seria uma característica individual inata. Para Melanie Klein, diz ele, toda experiência supõe uma aptidão do sujeito para

vivê-la e uma contribuição externa. A experiência da satisfação oral primordial supõe o encontro de um lactente capaz de gozar e experimentar a gratidão, sem a qual não há satisfação completa, com uma mãe que lhe dá o seio nas condições que Winnicott consideraria “suficientemente boas”. No entanto, tudo indica que essas duas condições não têm o mesmo peso aos olhos de Melanie Klein, pois ela sempre se resguarda contra a superestimação dos fatores externos. Michel Petot acrescenta que tudo indica que, para Melanie Klein, o papel dos fatores internos seria mais considerável nas experiências favoráveis do que nas experiências de privação:

Ela assinala com mais frequência a inaptidão de certas crianças em tirar proveito de um meio favorável do que a aptidão de outras em atravessar sem estrago situações de carência. Ocorre que, no fundo, o desencadeamento da ansiedade persecutória é, a seus olhos, um fenômeno quase automático nas situações de privação, já que toda criança é portadora de pulsões destrutivas e é apta à projeção. Neste sentido, as diferenças interindividuais, apontadas pelo conceito de uma aptidão mais ou menos grande para suportar a privação, só podem ter um papel importante na rapidez do aparecimento e na intensidade da reação paranoide [...]. Os fatores diferenciais assumem, ao contrário, um papel determinante nas experiências satisfatórias: as contribuições reais, no que se refere à alimentação e aos cuidados maternos, só podem ser gratificantes se acolhidos com gratidão (PETOT, 1988, p. 173).

Petot (1988) observa que, dessa forma, chega-se à conclusão paradoxal que Melanie Klein nunca enunciou, mas que parece decorrer inevitavelmente daquilo que existe de mais fundamental em suas concepções: os fatores externos são mais eficazes quando desfavoráveis do que quando favoráveis. Tudo se passa como se as quantidades inatas de agressividade pudessem ser aumentadas pelas privações, sem que as satisfações reais possam ter um efeito comparável sobre a gratidão e sobre o amor.

Na parte final de *Inveja e gratidão*, a psicanalista comenta que a existência dos fatores inatos mencionados evidencia as limitações da terapêutica psicanalítica. Embora sua experiência a tenha ensinado que é possível produzir mudanças fundamentais e positivas em muitos

casos, mesmo quando a base constitucional é desfavorável, em alguns casos, nos quais as angústias paranóides e os mecanismos esquizóides são muito intensos, o sucesso possível é limitado ou talvez não possa ser obtido, diz ela.

Nesse mesmo texto, a autora sugere que a inveja do seio nutridor seria uma das origens mais profundas da culpa: “é minha hipótese que uma das origens mais profundas da culpa está sempre ligada à inveja do seio nutridor e à sensação de ter inutilizado a bondade deste por meio de ataques motivados pela inveja” (KLEIN, 1984 [1957], p. 195). De acordo com ela, se a culpa prematura é experimentada por um ego ainda incapaz de suportá-la, ela é sentida como perseguição e o objeto que a provoca é tomado como perseguidor. Dessa maneira, as angústias depressiva e persecutória se confundem. Os efeitos desse processo se manifestam na análise de pacientes adultos e crianças em situações nas quais, assim que a culpa é sentida, o analista torna-se persecutório e passa a ser acusado. No caso de pacientes adultos, diz Melanie Klein, percebe-se que tais pessoas, quando crianças, não puderam experimentar a culpa sem que isso provocasse simultaneamente angústia persecutória.

Assim, Melanie Klein argumenta que a inveja e as defesas contra ela desempenham papel importante na reação terapêutica negativa. Em certos pacientes, uma interpretação valiosa que lhe trouxe auxílio e modificou seu ânimo, em breve se converte em objeto de críticas destrutivas. O paciente invejoso reluta em admitir o sucesso do trabalho do analista e, caso ache que o analista e sua ajuda foram prejudicados e desvalorizados por sua crítica invejosa, não pode introjetá-lo suficientemente como um objeto bom, nem aceitar com convicção suas interpretações e assimilá-las, observa Melanie Klein. Tal convicção real implica gratidão por uma dádiva recebida. Em alguns casos, o paciente invejoso sente que é indigno de ser beneficiado pela análise, em função do sentimento de culpa por desvalorizar a ajuda que lhe é dada. A incapacidade do paciente em aceitar com gratidão uma interpretação, que em certas partes de sua mente ele admite como valiosa, seria um aspecto da reação terapêutica negativa. A crítica invejosa, diz Melanie Klein, é muito franca em pacientes paranóides, no entanto, em outros pacientes, ela pode permanecer não exprimida e até mesmo

inconsciente, embora exerça papel igualmente importante. Em tais casos, o lento progresso feito pela análise estaria relacionado à inveja. Ajudar o paciente a examinar os conflitos e sentimentos íntimos relacionados à inveja e ao ódio do seio seria o meio mais eficaz de promover sua estabilidade e integração, segundo a autora.

Considerações finais

Em “Inibições, sintomas e angústia” (1926), Freud situa na base do desenvolvimento psíquico normal e patológico experiências traumáticas precoces — entendidas como experiências nas quais o aparelho psíquico seria inundado por grandes somas de excitação em um estado de desamparo para reagir a elas — e angústias típicas relacionadas a ameaças de reviver esse estado de desamparo. Seriam essas experiências traumáticas precoces que confeririam um caráter traumático a experiências posteriores, levando à repressão secundária. Em “Análise terminável e interminável”, Freud concede um papel fundamental à constituição pulsional do indivíduo, em especial, àquela relacionada à pulsão de morte. Esta desempenharia um papel importante tanto na etiologia das neuroses, como entre os fatores que dificultariam o êxito da terapia psicanalítica.

Na medida em que a pulsão de morte, em última instância, seria responsável pela inclinação ao conflito e pela fixação aos traumas, podemos inferir que os demais fatores atuantes na etiologia das psiconeuroses se enraizariam, em maior ou menor medida, na constituição pulsional mortífera, tendo em vista que a hipótese da série complementar entre constituição pulsional e vivência acidental continuaria tendo que ser considerada. No entanto, Freud não desenvolve explicitamente, em seus textos, hipóteses para explicar como a constituição pulsional relacionada à pulsão de morte e às experiências precoces se articulariam, embora ele nos forneça uma pista ao comentar as ideias de Rank, como mencionamos.

Encontramos em Melanie Klein algumas hipóteses que permitem pensar a relação entre esses dois fatores enfatizados na etapa final da obra freudiana. Segundo a teoria kleiniana desenvolvida, sobretudo, em *Inveja e gratidão*, a intensidade constitucional da pulsão de morte

e a inveja, derivada dela, estariam diretamente ligadas ao nível de angústia experienciado pela criança e à capacidade do ego em suportar a privação sem maiores prejuízos para o desenvolvimento psíquico. A intensidade constitucional da pulsão de morte aumentaria a intensidade traumática de certas experiências e, por meio do despertar da inveja, faria com que experiências potencialmente positivas se tornassem negativas e fontes de angústia. Assim, talvez possamos dizer que a pulsão de morte ampliaria o campo das experiências traumáticas, além de intensificá-las, o que repercutiria diretamente na predisposição à doença mental. Essas hipóteses kleinianas parecem possuir um sentido próximo ao da especulação levantada por Freud, ao comentar a teoria de Rank, de que a constituição hereditária do indivíduo influenciaria na amplitude com que ele reagiria ao trauma do nascimento.

Em relação aos obstáculos enfrentados pela terapia, Freud reconheceu, em 1937, que a pulsão de morte e o sentimento de culpa, resultante de sua ligação pelo superego, estariam por trás da reação terapêutica negativa. Melanie Klein, em certo sentido, retoma essa hipótese freudiana e vai além, ao apontar o elo desempenhado pela inveja entre a pulsão de morte e o sentimento de culpa, assim como a precocidade e amplitude da inveja e seus efeitos perniciosos sobre o psiquismo.

Não pretendemos sugerir que haja uma continuidade entre os dois autores e ignorar as especificidades e diferenças entre as teorias kleiniana e freudiana, mas apenas apontar que, com suas hipóteses sobre a relação entre a constituição pulsional e as experiências efetivamente vivenciadas, e, principalmente, com sua teorização sobre o papel desempenhado pela inveja no desenvolvimento psíquico, Melanie Klein pôde aprofundar e desenvolver algumas das intuições freudianas da parte final de sua obra.

Referências

BIANCHI, E. T.; BOSCHIAN, L. P. C.; PICCOLO, E. G. Theories on anxiety in Freud and Melanie Klein: their metapsychological status. *International Journal of Psychoanalysis*, v. 69, p. 359-368, 1988.

CAROPRESO, F. Dor e desejo na teoria freudiana do aparelho psíquico e das neuroses. *Revista de Filosofia Aurora*, v. 21, n. 29, p. 569-590, 2009.

CAROPRESO, F.; MONZANI, L. R. Vivência de dor e pulsão de morte na teoria freudiana do aparelho psíquico e das neuroses. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, v. 12, n. 3-4, p. 607-638, 2012.

CINTRA, E. M.; FIGUEIREDO, L. C. *Melanie Klein: estilo e pensamento*. São Paulo: Escuta, 2004.

FREUD, S. Project for a scientific psychology. In: FREUD, S. *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*. London: The Hogarth Press, 1975. v. 1. p. 283-387. Escrito em 1895 e publicado originalmente em 1950.

FREUD, S. La herencia y la etiología de las neurosis. In: FREUD, S. *Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1999. v. 3. p. 139-156. Originalmente publicado em 1896.

FREUD, S. The interpretation of dreams. In: FREUD, S. *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*. London: The Hogarth Press, 1975. v. 5. p. 339-621. Originalmente publicado em 1900.

FREUD, S. Introductory lectures on psycho-analysis: Part III. In: FREUD, S. *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*. London: The Hogarth Press, 1975. v. 16. Originalmente publicado em 1917.

FREUD, S. Three essays on the theory of sexuality. In: FREUD, S. *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*. London: The Hogarth Press, 1975. v. 7. p. 125-248. Originalmente publicado em 1905.

FREUD, S. Sobre las teorías sexuales infantiles. In: FREUD, S. *Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1999a. v. 9, p. 183-202. Originalmente publicado em 1908.

FREUD, S. La moral sexual "cultural" y la nerviosidad moderna. *Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1999b. v.9, p. 159-182. Originalmente publicado em 1908.

FREUD, S. Análisis de la fobia de um niño de cinco años. In: FREUD, S. *Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1999. v. 10. p. 1-118. Originalmente publicado em 1909.

FREUD, S. Repression. In: FREUD, S. *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*. London: The Hogarth Press, 1975. v. 14. p. 141-158. Originalmente publicado em 1915.

FREUD, S. Beyond the pleasure principle. In: FREUD, S. *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*. London: The Hogarth Press, 1975. v. 18. p. 3-66. Originalmente publicado em 1920.

FREUD, S. El yo y el ello. In: FREUD, S. *Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1997. v. 19. p. 161-176. Originalmente publicado em 1923.

FREUD, S. Inhibitions, symptoms and anxiety. In: FREUD, S. *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*. London: The Hogarth Press, 1975. v. 20. p. 77-178. Originalmente publicado em 1926.

FREUD, S. Analysis terminable and interminable. In: FREUD, S. *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*. London: The Hogarth Press, 1975. v. 23. p. 209-254. Originalmente publicado em 1937.

KIMMERLE, G. *Denegação e retorno: uma leitura metodológica de “Para além do princípio do prazer” de Freud*. Piracicaba: Editora da Unimep, 2000.

LAPLANCHE, J. *Castração – Simbolizações – Problemáticas II*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

PETOT, J. M. *Melanie Klein II: o ego e o bom objeto (1932-1960)*. São Paulo: Perspectiva, 1988.

PETOT, J. M. *Melanie Klein I: primeiras descobertas e primeiro sistema (1919-1932)*. São Paulo: Perspectiva, 1991.

KLEIN, M. *Psicanálise da criança*. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1969. Originalmente publicado em 1932.

KLEIN, M. Notas sobre alguns mecanismos esquizóides. In: KLEIN, M. *Os progressos da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1969. Originalmente publicado em 1946.

KLEIN, M. Envy and gratitude. In: KLEIN, M. *The writings of Melanie Klein*. New York: The Free Press, 1984. v. 3. Originalmente publicado em 1957.

MONZANI, L. R. *O movimento de um pensamento*. Campinas: Editora da Unicamp, 1989.

VAN HAUTE, P.; GEYSKES, T. Between disposition, trauma and history: how oedipal was Dora? In: VLEMINCK, J.; DORFMAN, E. (Org.). *Sexuality and psychoanalysis: philosophical criticisms*. Leuven: Leuven University Press, 2010. p. 139-153.

Recebido: 23/11/2014

Received: 11/23/2014

Aprovado: 12/02/2015

Approved: 02/12/2015